

# A LÍNGUA PORTUGUESA E OS SEUS DICIONÁRIOS

Mário Vilela

0. Vou falar sobre o estranho mundo dos dicionários. O dicionário é uma contradição, tal como é contraditória a existência da palavra. Procuramos a palavra e encontramos o discurso ou texto, e procuramos o discurso e não encontramos senão palavras. As palavras, assim como a gramática, são o esqueleto do discurso ou dos discursos existentes em todos os livros até agora elaborados<sup>0</sup>. Seria impossível fazer a história do mundo e descrever a natureza e a história da ciência sem os dicionários ou as enciclopédias. É que o vocabulário de uma língua é a expressão de um conhecimento ligado a outras formas de conhecimento acerca do mundo. Por exemplo, uma palavra como *drugstore* desencadeava, há uma década, o valor de 'estabelecimento composto por pequenas lojas', valor que depois passou para *shopping-center* e para *centro comercial*. Mas este conhecimento configurado lexicalmente liga-se a outras conotações, presentes em todas as expressões referidas: além da idéia base, há outros traços sêmicos como 'muito movimento', 'gente apressada', 'venda de produtos correntes', etc. Ou a palavra *marketing*, em princípio traduzível por *comercialização*, mas que comporta ainda noções como 'agressividade na concorrência', 'publicidade', 'promoção' e 'criação apenas de produtos que se vendem'. E esta multiplicidade de valores escondidos nestas palavras verifica-se também em termos como *ecossistema*, *agricultura biológica*, *bioética*, *genes humanos*, *mães de aluguer*, *mães hospedeiras*, *sexo seguro*, *implementar*, *telemática* (= *tele* [comunicação] + [infor]mática), *alta definição*, *edifício inteligente*<sup>(1)</sup>, etc. Por vezes, este conhecimento múltiplo fica a dever-se à transferência de termos das linguagens técnicas para a língua comum. Há poucas semanas um jornalista criticava precisamente o uso abusivo de expressões como:

- (i) [Os políticos] a juzante e a montante (= de todos os quadrantes políticos)
- (ii) Agir por parâmetros (= de modo demasiado ordenado)
- (iii) (Pensar em) vertentes (= em termos de oposição ou contraste) etc.

A que poderíamos acrescentar muitas outras palavras ou expressões, tais como:

- (iv) Harmonização (no Orçamento de Estado)
- (v) (Falar muito) soft (= suavemente)
- (vi) Pico — Top de audiência, etc.

As palavras da língua comum e das línguas técnicas são de modo geral as mesmas: as palavras da língua comum adquirem valores próprios, ao serem adaptados às línguas técnicas e vice-versa. Assim são várias as perspectivas que surgem na palavra *programa*, conforme a área em que nos situarmos.

- (vii) “o PSD já elaborou o *programa* governamental para o ano 2000”  
 “o professor já deu o *programa* todo”  
 “vamos *programar* o próximo ano letivo”  
 “o *programa* da máquina de lavar”, etc.,  
 ou,  
 “*programa* em informática”<sup>(2)</sup>.

É ainda frequente um percurso mais complicado: certas palavras vêm de línguas técnicas, passam pela língua comum e voltam de novo a outras línguas técnicas, como acontece com *dado*.

- (viii) “São estes os *dados* que tenho”  
 “Os *dados* de um jogo de xadrez”  
 “Os *dados* em informática”<sup>(3)</sup>

ou com *aplicação*:

- (ix) “quantas *aplicações* devo fazer deste remédio?”  
 “tanta *aplicação* para nada!”  
 “*aplicação* em informática”<sup>(4)</sup>  
 “*aplicação* em base de dados”<sup>(5)</sup>  
 etc.

É essa adição de conhecimentos e sentimentos armazenados nas palavras que um falante nativo transporta (ou deve transportar) no seu saber linguístico.

O léxico de uma língua é assim um sistema de compreensão e configuração do mundo: é nele que uma dada comunidade linguística vasa o seu conhecimento e reconhecimento do mundo. Este conhecimento vasado no

léxico é não só um conhecimento estável e codificado como ainda é um ponto de referência para outros conhecimentos.

Mas este léxico não é uma soma de nomenclaturas, etiquetando a realidade: a transitoriedade das coisas e do mundo, a história e o devir aninham-se no interior do léxico. A palavra adequa-se a cada situação, mesmo a mais impalpável: a palavra é por isso mais um programa de representação e configuração do que um molde de conteúdos. Insere-se numa frase, num texto. Palavra — frase — texto são simultaneamente a parte visível (significante) ou morfossintaxe da língua, a parte significativa (= semanticity) e a parte interaccional. A codificação da língua no léxico é tanto uma sintaxe como uma semântica, como um gerador de textos e ainda um produto de normas e repositório dessas normas, em que o social e o cultural se complementarizam.

## 1. O que é um dicionário?

O dicionário é, por sua vez, o conhecimento genérico culturalmente partilhado por uma comunidade linguística e codificado no léxico, ou é a codificação desse saber, concebido de forma estática, em suporte papel ou eletrônico, arquivando esse saber e que pode ser consultado por pessoas ou por máquinas.

O dicionário abrange uma macro-estrutura: o conjunto das entradas e as partes complementares (como introdução, apêndices, etc.) e uma micro-estrutura: a entrada e o tratamento dado a essa entrada através da rede de relações definicionais, relações gramaticais, relações semânticas (como sinonímia, antonímia, polissemia, etc.) e relações pragmáticas (área de uso, frequência, níveis de língua, etc.).

1.1. Pela simples definição de “dicionário” vemos quão sutil é a compreensão global do que é o dicionário, tanto na sua componente “saber” como na componente “suporte” desse saber. Pois encontramos “dicionários fundamentais”, “dicionários básicos”, “dicionários essenciais”, “dicionários médios”, “grandes dicionários”, “thesauri”, ou, noutra perspectiva, “dicionários contemporâneos”, “dicionários medievais”, “dicionários de português antigo”, “dicionários históricos”, ou ainda, “dicionários etimológicos”, “dicionários analógicos”, “dicionários de sinônimos”, “dicionários de verbos”, ou ainda “dicionários de medicina”, de “informática”, de “linguística”, etc.

Os critérios subjacentes a esta divisão centram-se, como facilmente se deduz, ou na quantidade de palavras armazenadas (*grande, pequeno, médio, fundamental, essencial*, etc.), ou na perspetivação de tratamento (*analógico, de sinônimos, antônimos*, etc.), ou na situação temporal (*contemporâneo, medieval, antigo*, etc.), ou nas variedades diastráticas e diatópicas de língua abrangidas (*português comum, popular, gíria, calão, trasmontano, alentejano*, etc.)

Encontramos, seguramente, na Expolíngua, ou em exposição, ou em catálogos, as variedades de dicionários agora mencionadas.

1.2. Os dicionários ou reedições de dicionários monolíngues mais recentes.

Para fazermos uma idéia do que temos e do que nos falta fazer no domínio “dicionário”, deixem-me levá-los por alguns dicionários publicados nos últimos sete anos em Portugal:

- *Dicionário de Expressões Populares Portuguesas*, de Guilherme Augusto Simões, Lisboa: perspectivas e realidades, 1985.

Este dicionário tem como finalidade, como aliás se pode ler no sub-título, o tratamento de “arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos populares, lugares comuns, estrangeirismos, curiosidades da linguagem”. São 25.000 as entradas tratadas, ocorrem dispostas por ordem alfabética, com um apêndice disposto por temas e onde a informação interessante não falta. Mas o rigor na definição de conceitos básicos está ausente: como a distinção entre dialecto e sociolecto, onde se confunde calão e gíria, onde a indicação dos regionalismos não passa de generalidades, a caracterização diafásico-estilística é, contrariamente ao que tudo fazia prever, deficiente. Nos aportuguesamentos de certos estrangeirismos parece não ter ultrapassado o conceito de purismo vigente no século XVIII.

Mas, no geral, trata-se de um dicionário útil e a pedir continuidade.

- *Novos Dicionários de expressões idiomáticas*, de Antônio Nogueira Santos, Lisboa. Edições Sá da Costa, 1990.

Este dicionário encontra-se enquadrado numa série de “dicionários idiomáticos” envolvendo várias línguas. Como é sabido, não é fácil a distinção entre expressões idiomáticas e fraseologias ou combinações a que se costuma chamar “colocações”. O volume equivalente à língua portuguesa compreende 11.103 expressões. O tratamento das expressões é feito dentro da tradição neste campo. Contudo, os critérios usados para a macro-estrutura e micro-estrutura não são definidos.

- *Dicionário de frases feitas*, de Orlando Neves, Porto: Lello Editora, 1991

A micro-estrutura deste dicionário compõe-se de 10.000 “frases feitas”, mas em que ao lado de autênticas “construções idiomáticas” ou construções fixas, surgem fraseologias construídas com preposições, conjunções e advérbios, cujo grau de “expressão fixa” está longe do “idiomático”. Prende-se apenas com as frases feitas do português comum, em que, por exemplo, o diatópico não tem representação. A ordenação e o tratamento surgem na forma tradicional, mas onde falta a informação diastrático-estilística. O A. enriquece o dicionário com uma ordenação temática na última parte.

- *Dicionário de Estrangeirismos*, de Francisco Alves Costa, Lisboa: Editorial Domingos Barreira, 1990

Por “estrangeirismo” entende o A. não só as palavras introduzidas mais recentemente na língua como palavras já não sentidas como estranhas no português, porque o tempo decorrido se encarregou de as adaptar à língua, como acontece com *collant*, para que propõe *meia-calça*, em vez de sugerir, por exemplo, o aportuguesamento *colã*, ou *soutien*, para que propõe *porta-seios*; recusa *coqueluche*, para que propõe *tosse convulsa*, controle, para que propõe *fiscalização*, *verificação*, *inspeção*, propondo ainda *gravador de som e imagem* para substituir *video*, *acionador de som* para *disc driver*, ou confundindo *meio* com o francesismo *Milieu*.

- *Dicionários*, Fim de Século Edições, Lisboa

Esta série propõe-se a publicar dicionários e o primeiro título é: *Dicionário de Provérbios*, abrangendo as línguas portuguesa, francesa, inglesa e alemã. Não vou analisar este título. Além da proposta sempre louvável de incluir “dicionários” nas suas publicações — embora creio haver algum desleixo na ortografia de alguns provérbios —, a referência a esta série é feita aqui sobretudo pelo interesse que merece o *Dicionário prático de verbos* (seguidos de preposições), de Helena Ventura e Manuela Caseiro (Lisboa, 1992), onde encontramos 1100 verbos acompanhados de algumas das regências possíveis e alguns (poucos) exemplos comprovativos, e o *Dicionário prático de substantivos e adjetivos* (com os regimes preposicionais), de Micaela Ghitescu (Lisboa, 1992), tratando 900 substantivos e adjetivos: menos representativo ainda do que o anterior, tanto na micro-estrutura como na macro-estrutura. Dirige-se essencialmente à aprendizagem do português por parte de estrangeiros. Qualquer destes dicionários apresenta uma listagem de entradas que abrangem o essencial dos verbos, e não tanto de substantivos e adjetivos. O que é muito insuficiente é a parte destinada aos exemplos e sobretudo às possibilidades de regência preposicional.

- *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Almeida Costa, Sampaio e Melo, Porto: Porto Editora, 1989, 6ª ed.

A “Porto Editora” merece de todos os falantes da língua portuguesa um reconhecimento muito especial, porque, primeiro do que ninguém, se abalçou a um programa amplo de dicionários monolíngues e bilíngues. É pena que a qualidade nem sempre tenha acompanhado a quantidade. Reporto-me agora à 6ª edição do dicionário supra-mencionado. Apresenta-se, relativamente à edição anterior, como mais rico em cerca de 200 páginas de texto — a acreditar nas palavras do editor —, com novas informações etimológicas, com o apêndice de estrangeirismos mais rico e com enriquecimento e maior cientificidade no tratamento do vocabulário técnico-terminológico. Estamos perante um novo alento do referido dicionário — o seu ponto forte continua a ser o vocabulário científico e técnico, mas a sua micro-estrutura continua a ser

muito pobre. Creio até que o enriquecimento nas informações etimológicas não merece o mesmo crédito das da edição anterior, onde as mãos de Inês Louro estiveram presentes a tempo inteiro. A transcrição fonética, embora não usando o alfabeto fonético internacional, parece ser uma inovação feliz.

- *Dicionário básico do português*, de Mário Vilela, Olívia Figueiredo, Isabel Margarida Duarte, Manuel Maria e Olinda Santana, Porto: Asa, 1989

Este dicionário feito dentro da tradição dos dicionários básicos, sobretudo dentro da tradição francesa (Larousse), faz o tratamento de cerca de 5.000 entradas (entradas e sub-entradas), e o tratamento é feito a partir de exemplos contextualizados, seguindo-se as informações gramatical e semântica, esta última centrando-se nas relações semânticas (sinonímia, antonímia e equivalências). A macro-estrutura do dicionário compreende ainda uma gramática do dicionário, um dicionário do dicionário (alfabetização de entradas, sub-entradas, sinônimos, antônimos e equivalentes que surgem no texto do dicionário), a flexão dos verbos que ocorrem como entrada e sub-entrada com transcrição fonética.

Este dicionário irá ser completado com o português de Moçambique (1.300 entradas), já elaborado, de Angola (1000 entradas) e de Cabo Verde (500 entradas). Estes acrescentos e algumas correções na macro-estrutura, relativamente à parte do português europeu, farão com que o dicionário fique a meio caminho entre dicionário básico e dicionário essencial e passará a cobrir a parte europeia e africana.

1.3. Os dicionários referidos são muito pouco para o que surge em relação ao castelhano, catalão, italiano, e muitíssimo pouco, se nos confrontarmos com o francês.

Há, no entanto, indicações de que as coisas estarão a melhorar. Há projetos em curso que podem fazer alterar a situação. Eis alguns desses projetos:

- *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, em elaboração no Centro de Linguística de Lisboa, dirigido por Malaca Casteleiro e Fernanda Bacelar, pretende ser um *corpus* representativo do português falado e escrito, diatópico e diastrático, transformando-se depois em banco de dados. Embora o âmbito do *corpus* seja da ordem de cem milhões de palavras, encontra-se na fase de aproveitamento do levantamento feito pelo “Português Fundamental” (700.000 palavras). Dizem contar com o apoio do INESC, Academia das Ciências de Lisboa, AR, NURC/SP (= Projeto de Estudos da Norma Linguística Urbana Culta do Brasil). Parece-me ser, apesar de se estarem a pôr de lado os grandes *corpora* (por exemplo o de Birmingham), bastante válido e promissor. Creio tratar-se de um projeto interessante e digno de ser apoiado.

- *Dicionário Eletrônico do Português*, dirigido por Malaca Casteleiro e Maria Elisa de Oliveira, constituirá um “sistema indexado ligado a um ‘stock’ de informações sintáticas e de traços semânticos hierarquizados” e “uma base de dados ortográficos e morfológicos criada sob suporte magnético”, abrangendo um conjunto de 7.000 verbos, 20.000 substantivos, 15.000 palavras compostas. Constituirá ainda um corretor ortográfico com abrangência sobre 60.000 palavras.
- *Dicionário Essencial do Português*, dirigido por Leonor Buescu, pretende abranger 15.000 palavras, ocupando todo o espaço lusófono nas suas variantes diatópicas e as áreas científico-técnicas. Este projeto parece vir a aparecer numa altura em que os objetivos que se propõe cumprir estejam já ultrapassados<sup>(5a)</sup>.
- *Dicionário do Português Contemporâneo*, sob este título há dois projetos em curso, um no Porto, dirigido por Mário Vilela e a decorrer dependente das Edições ASA, e outro na Academia de Ciências de Lisboa, dirigido por Malaca Casteleiro e Fernanda Bacelar, dicionários com características mais ou menos idênticas, mas acusando, contudo, a diferente formação académica e orientação científica dos seus principais responsáveis.
- Há ainda um projeto — chamado *Dicionário dos dicionários portugueses* — dirigido pelo Prof. Dieter Messner (Institut für Romanistik — Universität Salzburg) — que pretende fazer o levantamento do português como ele se encontra documentado em Bluteau (1712) e (1728)<sup>(6)</sup>, Feyjo (1734)<sup>(7)</sup>, Monte Carmelo (1767)<sup>(8)</sup>, Freire (1842)<sup>(9)</sup>, Moraes (1789)<sup>(10)</sup>, Sousa (1789)<sup>(11)</sup>, São Luiz (1816)<sup>(12)</sup>. Este projeto pode bem servir de modelo e de ponto de partida para a elaboração do “Tesouro” da Língua Portuguesa.

## 2. Quais as lacunas existentes nos dicionários do português?

Se podemos dizer que temos um dicionário fundamental<sup>(12a)</sup>, um dicionário básico<sup>(12c)</sup>, elaborados de acordo com as regras lexicográficas medianamente corretas e atualizadas, devemos desde logo acrescentar que nos falta quase tudo, no que se refere ao português comum. Dicionários de fraseologias<sup>(13)</sup>, da linguagem popular, de provérbios, de rífoes, mesmo de regionalismos<sup>(14)</sup>, parecem representar, da parte do português europeu, uma produção que não desmerece. Mas quanto ao português comum, temos mesmo de dizer que não estaremos muito longe de “a estaca zero”. Para não falarmos da inexistência de um conjunto de dicionários dos diferentes períodos da história da língua portuguesa<sup>(14a)</sup>, aguardamos ainda a continuação do dicionário da Academia.

O projeto foi abandonado: esse sim seria um autêntico dicionário da Academia e que a Academia nos está a dever há uns bons 100 anos. É que as etimologias da maior parte dos dicionários não são fiáveis: havia que fazer uma recolha de trabalhos dispersos e rever em profundidade as etimologias tidas como seguras. Devia haver o levantamento cuidadoso das unidades da língua, das unidades documentadas e contextualizadas: morfemas, afixos, neologismos, estrangeirismos, empréstimos, inovações lexicais e sintáticas. Falta-nos uma inventariação autêntica e fidedigna das unidades da língua. Devia haver, na época dos computadores da novíssima geração, um trabalho metucioso na elaboração matricial de uma fonte, para depois se passar a dicionários menores. Recordo, nesse aspecto, o exemplo dos DUDEN, e, no aspecto organizativo, o que a Academia Real Espanhola tem vindo a fazer: recrutou os melhores dos seus professores universitários de língua castelhana e entregou-lhes a direção de projetos, dando-lhes os meios materiais e humanos para os levar a bom termo. Trata-se de professores com experiência da língua e da metalíngua, que oferecem, desde logo, a garantia de qualidade. As questiúnculas em que se têm envolvido muitos dos nossos académicos — recordem-se os “encontros” e “reencontros” verbais e institucionais ocorridos por ocasião do acordo ortográfico — têm servido para muito pouco, ou, quando muito, para desperdiçar tempo e dinheiro muito mais úteis noutras batalhas.

Falta-nos um trabalho de base para a caracterização das marcas de uso do vocabulário: os nossos antepassados lexicógrafos, como Covarrubias (1611)<sup>(15)</sup>, La Crusca (1612)<sup>(16)</sup>, Furetière (1690)<sup>(17)</sup>, La Real Academia Española (1726-1739)<sup>(18)</sup> e Samuel Johnson (1755)<sup>(19)</sup>, dão o exemplo de marcas de domínio (“em termos de”, “falando de”, “diz-se de”, etc.), marcas sócio-culturais e normativas (“antiquado”, “baixo”, “burlesco”), alguns deles com “observações”, informando sobre o diafásico e diastrático (“baixo”, “elevado”, etc.), etc. A equipe lexicográfica deve ter os seus juízos de valor, constitutivos de uma norma de dicionário, por meio de um sistema de marcas simples e compreensivo. Vemos misturado nos nossos dicionários e de modo acrítico indicações de marcas como “popular” confundido com “familiar” e “linguagem falada”, e “literário” com o valor de “linguagem escrita”, quando parecia ser mais normal o uso de “usual” e “corrente”, “desusado” e “arcaico”. Estas indicações confundem o social com o retórico. As informações de caráter dicacrônico (“desusado”, “arcaico”), diatópico (domínio da dialectologia), diastrático (“popular”, etc.), exigem o trabalho de uma equipe preparada de modo adequado. Isto é, o levantamento cuidadoso das áreas de língua está por fazer: exige-se aqui o concurso de sociolinguistas, de retóricos e de linguistas. No momento em que a neologia nos atropela a todos, a linguagem apressada dos jornalistas nos esmaga quotidianamente, o engarrafamento contínuo de termos da modernidade se escancara diante de todos nós; no momento em que a avidez cultural do “honnête homme” do nosso tempo teima em ser atual e atualizado, exigem-se pontos de referência abalizadores do uso correto. Quem poderá dizer, por exemplo, que a forma de tratamento “você”, usado indiscri-



minadamente por elementos da mais alta hierarquia política e da vida cultural do país, na televisão e fora dela, está ou não correto? É que até há bem pouco tempo pensava-se e talvez ainda muitos pensam — que essa forma de tratamento, relativamente a Portugal, era (ou ainda é) um traço da linguagem diatópica e diastraticamente marcada.

### 3. Conclusão

Todos pressentimos que estamos a necessitar de uma planificação rigorosa, de um programa correto e eficaz, para recuperarmos o atraso que o nosso passado recente provocou: quando mais depressa o fizermos, mais dinheiro poupamos e mais defenderemos um dos poucos patrimônios que nos poderão restar: a língua portuguesa. Esperamos que o Instituto Camões honre o nome de seu patrono, não deixando empobrecer, seja a que preço for, o patrimônio que Camões tanto enriqueceu.

### Notas

0. “On cherche des mots, on trouve le discours. On cherche le discours, on trou vedes mots” (Henri Meschonnic — *Des Mots et des Mondes. Dictionnaires, encyclopédies, grammaires, nomenclatures*, Paris: Hatier, 1991, 9.
1. Edifício concebido e construído com características tais que quase se poderá dizer que pensa e até fala, o que se obtém com a incorporação de computadores, telecomunicações e novos materiais de construção e gestão de espaços, etc. Situamo-nos, neste caso, da *domótica*.
2. Uma lista de instruções, escritas sob uma forma convencional, permitindo a execução de um trabalho numa máquina.
3. Um fato, uma noção ou uma instrução, representados sob uma forma convencional de modo a poder convir a uma comunicação, a uma interpretação, a um tratamento, pelo homem ou por uma máquina.
4. Conjunto de operações a que se submetem os dados para se extraírem dadas informações no aspecto quantitativo e qualitativo.
5. Conjunto de dados formando o todo ou a parte de um outro conjunto de dados, conjunto esse que se encontra de tal modo organizado que possa ser utilizado por programas correspondendo a aplicações distintas.
- 5a. Tanto o *Dicionário do Básico* (abrangendo o português europeu e o português de Moçambique, Angola e Cabo Verde), como os *Dicionários do Português Contemporâneo* resultantes dos projetos de Mário Vilela e Malaca Casteleiro, irão cumprir de certa maneira esses objetivos.
6. R. BLUTEAU — *Vocabulário Portuguez et Latino, etc....*, Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; ID. — *Vocabulário de Synonimos, e phrases portuguezas*, para facilitar composiçoens em prosa, e em verso, in: *Vocabulario Portuguez et Latino*, Suplemento, Lisboa: 1728.
- 7.. João de Moraes Madureyra Feyjo — *Orthographia, ou Arte de Pronunciar com Acerto a Lingua Portuguesa*, Lisboa: Rodrigues, 1734.
8. Fr. Luís de Monte Carmelo — *Compendio de Orthografia, com sufficientes catalogos, e explicacãm de muitos vocabulos antigos, e antiquados..., de todos os Termos vulgares menos cultos, e mais ordinários...*, Lisboa: Rodrigues Galhardo, 1767. 3 vols.
9. Francisco José Freire — *Reflexões sobre a Lingua portugueza* escriptos por Fr. J. Freire, publicadas com algumas annotações pela sociedade propagadora dos conhecimentos úteis, Lisboa: Typographia da Sociedade, 1842.
10. Antonio de Moraes Silva — *Diccionario da Lingua Portugueza*, composto pelo Padre D. Raphael

- Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro, Lisboa: Off. de S. Thadeo Ferreira, 1789).
11. Fr. Foão de Sousa — *Vestígios da língua arabica em Portugal ou Lexicon etimologico das palavras e nomes portuguezes que tem origem arabica*, Lisboa: Off. da Academia Real das Sciencias, 1789 (Ed. de A. Farinha de Carvalho, 1981).
  12. Fr. Francisco de São Luiz — *Glossarios das Palavras e Frases da Língua Françeza*, que por descuido, ignorancia, ou necessidade se tem introduzido na Locução Portuguesa moderna; com o juizo critico das que são adoptáveis nella, in: *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, t. IV, parte II, Lisboa: Typographia da mesma Academia, 1816, 5-121.
  - 12a. *Português Fundamental, Vocabulário*, Lisboa: CLUL/INIC, 1984.
  - 12c. Mário Vilela et al. — *Dicionário do Português Básico*, 1ª ed., Porto: Asa, 1990.
  13. Não podemos deixar de mencionar o dicionário de Schemann.
  14. Há, pelo menos, como ponto de partida, o acervo de dados no ILB (Coimbra).
  - 14a. Cfr. António Geraldo da Cunha — “Pontos negros na lexicografia da língua portuguesa”, in: *Actes du XVIIe Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*, Tome VII, 1989: 13.
  15. S. de Covarrubias (1611) — *Tesoro de la lengua castellana o española*, según la impresión de 1611, com las adiciones de Benito Remigio Noydens publicadas en la de 1674, Madrid (edición preparada por Martiín de Riquer, Barcelona, Horta, 1943).
  16. *Vocabolario degli Accademici della Crusca* (1612), Venezi, G. Alberti; quinta impressione, Firenze Mella tipografia galileana..., 11 vol., Cellini e C., 1863-1923.
  17. Furetière A. (1690) — *Dictionnaire universel*, contenant generalement tous les mots françois tant vieux que modernes, & les termes de toutes les sciences et des arts..., 3 vol, La Haye/Rotterdam, Arnout & Reiner Leers; réed., Paris, S.N.L. — *Dictionnaire Le Robert*, 1978.
  18. Real Academia Española (1726-1739), *Diccionario de autoridades*, 3 vol., Genève, Jean Herman Widerhold.
  19. Samuel Johnson (1755), *A Dictionary of the English Language*, London, 4ª ed., 1773; réed., Latham, 1866.